

A função educativa de um Museu Universitário e Antropológico: o caso do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

*Camilo de Mello Vasconcellos**

Resumo

Este artigo analisa questões relacionadas ao universo educacional de um museu universitário e antropológico como é o caso do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

Palavras-chave: museu antropológico, museu universitário, museu-educação.

A temática da educação em Museus vem tendo, nos últimos anos, uma atenção especial não só por parte dos profissionais diretamente envolvidos nas instituições museológicas, mas também por teóricos do mundo acadêmico. São inúmeras as abordagens, especialmente voltadas para museus de distintas tipologias de acervo, principalmente nas áreas de Artes, História e, em maior número, de Ciências Biológicas.

Nesse sentido, consideramos relevante levantar algumas proposições com o objetivo de possibilitar uma discussão a respeito do papel educativo de um museu universitário e antropológico, tomando como estudo de caso o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), tal a importância que esta instituição vem tendo em vista de sua atuação pedagógica. Além dessa razão apontada, há uma escassa reflexão que ocorre sobre museus dessa natureza na literatura especializada.

Para tanto, apresentamos três problemáticas a serem desenvolvidas no decorrer deste artigo: a especificidade de um museu universitário, a realidade de um museu antropológico e o que entendo por educação em um museu desta natureza como o MAE-USP.

Museus universitários: o compromisso com a pesquisa

A maioria dos acervos museológicos que acabaram sendo incorporados pelas universidades, foram formados antes mesmo da existência da própria Universidade. Esse fato está presente no contexto brasileiro uma vez que a primeira universidade foi fundada em nosso país¹ apenas na década de trinta do século passado, constituindo-se em uma realidade distinta quando comparada aos demais países da América Latina, tais como México, Peru, Argentina, Guatemala e Chile. Além das universidades desses países serem muito mais antigas que no Brasil, os museus nasceram efetivamente vinculados à estrutura de suas respectivas universidades.

Para que se tenha uma visão mais realista deste processo, no caso específico do MAE-USP, que possui apenas quinze anos de existência em seu atual formato², algumas de suas coleções arqueológicas e etnográficas possuem mais de cem anos, pois estiveram vinculadas ao Museu Paulista da USP, este inaugurado oficialmente em 1895 como um grande Museu de História Natural³.

No desenrolar histórico de nossas instituições museológicas e universitárias, que inclui o momento de suas fundações até passar ao controle efetivo da Universidade de São Paulo, é necessário atentar para a mais importante e singular característica dos museus universitários no presente momento: mais do que museus da universidade, devemos chamar a atenção para a discussão do que seja um museu na universidade. Esta condição define a famosa tríade indissociável, qual seja, as atividades fundamentais que estão contempladas no próprio estatuto da universidade e que se constituem também no perfil exigido para os museus: a pesquisa, a docência e a extensão.

Podemos ainda nesse contexto, apontar em qual dessas três atividades nossas instituições museológicas⁴ se tornaram mais conhecidas ou consistentes, dependendo de suas condições históricas e institucionais. Mas não podemos deixar de reforçar as atribuições acima referidas e o papel fundamental exercido pelos museus universitários, que é a pesquisa realizada com base em seu acervo, que se constitui em fonte geradora de conhecimento para a realização da docência e da extensão de atividades para as distintas comunidades que se apropriam de seus espaços. Devemos deixar claro também que quando dizemos pesquisa não nos referimos à importância da pesquisa realizada apenas nas áreas básicas de arqueologia, etnologia, história, zoologia ou arte contemporânea. Referimo-nos também à pesquisa realizada nas áreas de conservação, documentação, expografia e educação⁵.

É importante esclarecer, claro também, que não consideramos que somente os museus universitários realizam atividades de pesquisa. Nossa intenção foi atentar para uma realidade específica

que acaba se tornando indissociável e definidora de nosso perfil enquanto um museu desta natureza.

Além da definição de suas atividades fundamentais citadas acima, os museus universitários contam em seu corpo técnico e científico com profissionais das mais distintas áreas e muito bem formados em seus diversos ramos do saber. Dificilmente essa condição está ao alcance de museus de outras vinculações institucionais.

Museus antropológicos: uma realidade específica

Na segunda metade do século XIX a formação da antropologia esteve fortemente associada aos museus, antes mesmo desta disciplina ter ingressado no mundo acadêmico com o status de ciência (GONÇALVES, 1995). Até então, os museus eram os centros por excelência de produção de conhecimento antropológico, especialmente com relação às coleções etnográficas.

De certo modo, é possível dizer que a antropologia nasceu nos museus; ou, mais precisamente, que ela se formou na medida mesmo em que se formavam as grandes coleções etnográficas que vieram a enriquecer os acervos dos museus ocidentais. E até mesmo forneceram uma das bases para a produção das teorias antropológicas da época, notadamente o evolucionismo e o difusionismo. Assim, os difusionistas estavam preocupados com os processos de difusão de objetos e traços culturais de uma para outra sociedade, e viam, portanto, esses objetos como meios de reconstituir esses mesmos processos. Assim, era possível identificar, segundo estes especialistas, um único centro de onde teriam partido todas as invenções culturais significativas da humanidade e era possível perceber até mesmo as modificações nos objetos materiais destas sociedades (mais avançadas ou menos avançadas). Concebiam a humanidade como idêntica e a pensavam independentemente da sociedade e da cultura na qual estavam inseridos os distintos povos que a compunham. Isto acabou influenciando inclusive os modelos museográficos dos grandes museus enciclopédicos do século XIX,

cujo objetivo maior era narrar a história da humanidade desde suas origens mais remotas até o estágio mais avançado do processo evolutivo, ou seja, as modernas sociedades européias.

As teorias evolucionista e difusionista foram radicalmente contestadas por Franz Boas no final do século XIX, que considerava fundamental que os antropólogos pensassem os objetos a partir de sua funções e significados no âmbito do contexto cultural e da sociedade em que estavam inseridos. Era grande a preocupação deste antropólogo também em relação ao papel educacional dos museus para o grande público, especialmente estudantes e professores. Este pesquisador tentou harmonizar esses objetivos mas em função de suas atividades acadêmicas acabou afastando-se do mundo museológico. A partir dos anos vinte e trinta foi, então, que os museus deixaram de desempenhar a função de espaços de pesquisa científica, passando a pesquisa antropológica a ser produzida nos departamentos de antropologia social e cultural, pondo fim ao que autores como Stocking e mesmo Lilia Schwartz denominaram “era dos museus”⁶.

Já a partir dos anos 80 do século passado, passa a verificar-se uma reaproximação entre os museus e as teorias antropológicas numa crítica às concepções monometalistas da cultura, situada acima das contingências históricas e sociais. Ou seja, passa a haver uma aproximação fundamental em explicar as sociedades e os seus objetos numa perspectiva histórica, temporal, e os museus passam a serem valorizados como espaços de representação cultural e política dos vários grupos e categorias sociais representados em seus acervos.

Neste contexto, os museus deveriam funcionar no sentido de contribuir para a definição de uma sociedade culturalmente homogênea ou no sentido de revelar e fortalecer as diferenças culturais?

Retomamos alguns pontos dessa discussão (GONÇALVES, 1995) com o objetivo de situar uma questão que, para nós, é essencial: atualmente, num contexto de globalização e homogeneização cultural, todos concordamos com a idéia de que seja fundamental apresentarmos, discutirmos e evidenciarmos em nossa prática

expositiva e educacional a temática da diversidade cultural, que perpassa as distintas sociedades representadas em nosso acervo. Ou seja, é fundamental mostrarmos a riqueza da diversidade cultural destas sociedades como possíveis soluções que foram dadas às suas distintas situações existenciais e materiais. Porém, não podemos ser ingênuos e acreditar que somente mostrando essas diferenças culturais podemos contribuir para o processo de tomada de consciência de nossas identidades. É necessário atentarmos para não sermos “presas fáceis” de uma idéia muito próxima do modelo multiculturalista norte-americano, que acaba promovendo e difundindo este discurso da diversidade cultural quando, na verdade, apenas contribui para afastar cada vez mais as culturas distintas, os povos diferentes e reafirmando ainda mais os ódios, as diferenças e os guetos.

Ou seja, não basta mostrar a diversidade cultural nos museus antropológicos. É necessário politizar a questão e trabalhar no sentido de que é possível que os “diferentes” possam interagir, condição fundamental se quisermos construir um mundo realmente mais comprometido com a paz.

Resumindo, a valorização das diferenças não nos deve deixar perder de vista que a luta pela igualdade social e por uma sociedade mais justa ainda é, também, uma bandeira pela qual vale a pena lutar. Esta também deve ser uma trincheira que deve envolver fundamentalmente os museus antropológicos. Caso contrário, cairemos naquilo já foi chamado de “ciladas da diferença” (PIERUCCI, 2000).

A questão educativa

Finalmente, o último problema refere-se à questão educativa em um museu antropológico. Aqui nos deteremos nas experiências e reflexões propiciadas pela nossa atuação como educador do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP há dezoito anos.

Uma de nossas maiores preocupações⁷ quanto à clientela escolar, que se constitui em nosso público-alvo e aquele representado

por mais de 90% de nossos visitantes, diz respeito à forma pela qual devemos receber e atender a esta demanda cada vez mais numerosa. Temos a convicção da importância desta clientela e, portanto, é imprescindível pensarmos sobre este público não desobrigando-nos das atividades educativas com alunos e professores, ou seja, não podemos, por omissão, nos anularmos como lugar de produção e disseminação de conhecimentos.

Concordamos com (RAMOS, 2004), para quem desenvolver políticas de atendimento aos estudantes não significa transformar o museu em apêndice da escola, nem em simples ilustração do conhecimento ensinado pelo professor em sala de aula. Ao termos clareza sobre nosso papel e nossa atuação, que passa pela pesquisa em relação ao acervo, participação na montagem de exposições fundamentadas e argumentativas, na produção de materiais didáticos de apoio, o museu torna-se mais propício ao ato reflexivo e dialógico, concretizando-se também a partir de diversas atuações e recursos empreendidos.

Não se trata de reafirmar a “escolarização dos museus” (LOPES,1991), mas sim de promover a criticidade de papéis educativos que pode ser assumida pelo espaço museológico.

Ao apresentar objetos em contextos expográficos, estamos tratando de processos comunicativos que acabam sendo ou não compreendidos pelo público escolar. Daí a importância da participação do educador não só no processo de concepção de mostras de longa duração, temporárias e itinerantes, mas também no momento de avaliação das respostas que o público escolar apresenta em relação a este processo de comunicação.

Neste sentido, não basta apenas conceber uma exposição ou material didático de apoio ao professor e defini-lo como educativo. É necessário termos claro se atribuímos à prática pedagógica a possibilidade do exercício da reflexão crítica, ou seja, aquela que está intimamente relacionada à possibilidade de haver escolhas e tomadas de posição por parte do público que nos visita ou que utiliza nossos recursos educativos.

Nesta direção, é fundamental trabalharmos na perspectiva da percepção crítica sobre o mundo em que vivemos a partir da sensibilização em relação ao universo da cultura material, ou seja, dos objetos contextualizados/musealizados em suas mais distintas áreas do saber. Não na perspectiva do conhecimento pronto e acabado, mas na perspectiva do diálogo que propiciará o desvendar de áreas do conhecimento, até então desconhecidas.

Desta forma, o trabalho deve partir dos profissionais dos museus, mas estes devem estar atentos também à formação não só do professor que já atua em sala de aula, mas também do futuro professor que está hoje nos bancos universitários e ainda depende de uma sensibilização para a questão do potencial educativo de nossas instituições. Não basta, portanto, visitar nossas instituições, é necessário trabalhar aspectos como: visitar nossos museus? No que eles se constituem, qual o seu papel político, cultural, social?

Por esta razão é que por meio de nossos programas de ação educativa privilegiamos o contato com os professores de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio antes (grifo meu) da visita de seus alunos. Ou seja, é fundamental que trabalhem com os professores propiciando não só o conhecimento de nossas exposições, mas também a discussão de nossos pressupostos básicos relacionados à uma instituição antropológica tais como o conceito de cultura, etnocentrismo, diversidade cultural, territorialidade, dentre outros. É fundamental sensibilizá-los para a particularidade do museu e por conseguinte ganhar a confiança e a participação dos seus alunos quando da visita destes.

Quanto ao futuro professor que ainda está frequentando a Universidade também oferecemos a oportunidade deste conhecer nosso potencial por meio da possibilidade da realização de estágios remunerados em nossa área. Os resultados alcançados por estes alunos em seu crescimento profissional e pessoal vêm nos demonstrando que este esforço é fundamental no que diz respeito ao amadurecimento profissional e das perspectivas que se abrem para a atuação destes futuros agentes multiplicadores em sala de aula.

Nesta direção é que entendemos a figura do educador de museus como o mediador da relação entre o público e as exposições, ou dos materiais pedagógicos especialmente concebidos para este mesmo público. O educador deve ser antes de tudo um provocador: do conhecimento, da situação e da problemática a ser enfrentada. Não devemos deixar de dizer que quando do atendimento das crianças tudo deve ser adaptado às diferentes faixas etárias, ao interesse das mesmas e na prática curricular que estabelece “pontes” com o conceito museológico que fundamenta a exposição ou recurso pedagógico a ser explorado. Nesse contexto a informação bem trabalhada pode assumir o sentido de provocação.

Finalmente, não podemos também nos esquecer de enfrentarmos mais outro grande desafio: aquele de conquistar novos públicos. Não devemos nos deixar acomodar pela fluência apenas do público escolar que acaba justificando os nossos esforços na concepção de materiais e no atendimento cotidiano. É necessário irmos ao encontro daqueles que, fora da escola, nos vêm ainda como algo totalmente estranho: aí se encontram os cidadãos da terceira idade, os moradores carentes do nosso entorno, os deficientes visuais, auditivos e mentais, categorias de trabalhadores, enfim, aqueles para os quais não foi dada nenhuma oportunidade, mas que expressam uma vontade imensa em descortinar um universo ainda tão distante.

Notas

¹ Refiro-me à Universidade de São Paulo, fundada em 1934.

² Em agosto de 1989, por meio de um decreto da Reitoria, os acervos arqueológicos e etnográficos da USP que antes funcionavam separadamente (antigo Instituto de Pré-História, o antigo Museu de Arqueologia e Etnologia, o acervo etnográfico Plynio Ayrosa e as coleções arqueológicas e etnográficas do Museu Paulista), foram fundidos numa nova instituição, que passou a se chamar Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, com cerca de 120.00 artefatos e mais de 100 funcionários entre docentes e técnicos.

³ O Museu Paulista foi incorporado à Universidade de São Paulo apenas em 1963.

⁴ Atualmente os quatro museus estatutários da Universidade de São Paulo são o Museu Paulista, o Museu de Zoologia, o Museu de Arte Contemporânea e o Museu de Arqueologia e Etnologia.

⁵ O MAE-USP sedia o curso de pós-graduação (nível de mestrado e doutorado) em arqueologia, além do curso de especialização (Latu Sensu) em museologia.

⁶ A autora Maria Margaret Lopes analisa em sua obra O Brasil descobre a pesquisa

científica – os museus e as ciências naturais no século XIX, fenômeno semelhante com relação às ciências naturais. Nesta obra a autora também conclui que os departamentos de ensino das universidades e os laboratórios experimentais acabaram por afastar dos museus as pesquisas científicas, que até então eram realizadas com muita qualidade pelas instituições museológicas.

⁷ A ação educativa do MAE-USP é desenvolvida por uma equipe composta por este autor e pelas educadoras Carla Gibertoni Carneiro e Judith Mader Elazari.

Referências Bibliográficas

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O templo e o fórum: reflexões sobre museus, antropologia e cultura. In: _____. **A invenção do patrimônio**: continuidade e ruptura na constituição de uma política oficial de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: IPHAN, 1995.

LOPES, Maria Margaret. A favor da desescolarização dos museus. **Revista Educação e Sociedade** (CEDES) Vol.3, nº 40, Campinas. 1991.

_____. O Brasil descobre a pesquisa científica. **Os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997.

PIERUCCI, Antonio Flavio. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Editora 34, 2000.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto**. O museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

Abstract

This article analyzes questions related to the universe of a university and anthropology museum as it is the case of the Museum of Archaeology and Ethnology of the University of São Paulo.

Keywords: anthropology museum, university museum, museum education.